

Diário de Notícias

Alqueva, camas e mercados turísticos

Os portugueses interrogam-se hoje sobre os objectivos subjacentes à construção de uma barragem no Guadiana que não fornece água para consumo, não se destinou a regularizar o caudal e, anos após a conclusão, ainda está longe de cumprir as metas previstas de rega agrícola. Resta a hipótese que o investimento de milhões se destinasse à produção de energia (ainda hoje reduzida) ou à criação de uma extraordinária albufeira, com cerca de mil km de perímetro, em torno da qual se desenvolvesse uma nova região de vocação turística do País. Infelizmente tal não era verdade: o plano de ordenamento inicial, com muitas condicionantes, só contemplava 500 camas turísticas.

Após recentes declarações de vários responsáveis, vem o ministro do Ambiente esclarecer que "não serão 30 mil, nem 20 mil mas 15 mil as camas turísticas a autorizar no âmbito da revisão do plano. A grande questão é saber que tipo de turismo é desejado. O País tem a ganhar com um turismo de alta qualidade, numa das regiões mais pobres da Europa".

Tudo isto suscita algumas reflexões:

- Que o turismo passe em poucos anos de actividade a "condicionar" a "salvação" de uma obra da qual a falta de visão estratégica, sucessivos atrasos, alguma incompetência e irresponsabilidade e um conjunto de promessas não cumpridas levaram ao patamar da irracionalidade.

- Que os responsáveis governamentais necessitem de "jogar com os números de camas para acalmar as hostes" e justificar correcções inevitáveis, urgentes e do mais puro bom senso.

- Que as entidades oficiais tenham a pretensão de "definir o tipo e o padrão de turismo que desejam para a região", esquecendo-se ou desconhecendo que um destino não se constrói por decreto e que os potenciais investidores só arriscam em função dos mercados e segmentos da procura que consideram ter condições para atrair e conquistar.

- Que se admite possível transformar no imediato uma das regiões mais pobres da Europa, com deficientes estruturas, poucos trabalhadores e quadros qualificados, sem atractivos ambientais e turísticos diferenciadores (com excepção do lago criado pela albufeira da barragem) numa área de turismo de alta qualidade.

Um novo destino levará anos a lançar e décadas a consolidar nos mercados, e tal só será possível se empresários e operadores turísticos acreditarem que vale a pena e os mercados e a procura reconhecerem as vantagens e benefícios em relação a outros destinos concorrentes, tanto para o turismo tradicional de férias em resorts como do turismo residencial.

O Governo parece apostado em criar condições para atrair investidores e para que os investimentos se concretizem rapidamente, mas vários responsáveis de organismos que dele dependem não querem abdicar dos seus pequenos poderes e, porventura, ainda não perceberam que o potencial de desenvolvimento turístico é hoje a única justificação verdadeiramente válida e a última oportunidade de aproveitamento económico e social da maior barragem e da maior albufeira da Europa. Em alternativa, poderemos vir a ter mais um elefante branco transformado em monumento à incompetência e desleixo dos portugueses. Os alentejanos não merecem isso. C

Luís Correia da Silva
Administrador de empresas

publicado a 2006-06-19 às 00:00

Para mais detalhes consulte:
http://www.dn.pt/Inicio/interior.aspx?content_id=642257

GRUPO CONTROLINVESTE
Copyright © - Todos os direitos reservados



PATROCÍNIO